

- LITER*AT*URA

A INTERTEXTUALIDADE NA PEÇA JACOB E O ANJO, DE JOSÉ RÉGIO

Isabelle Amorim Mesquita*

Resumo: Este trabalho analisa como José Régio utiliza o processo intertextual como uma forma de composição para a sua peça *Jacob e o anjo*, a qual apresenta, num nível temático, a problemática do “duplo” e, no nível formal, o diálogo entre textos e discursos.

Palavras-chave: José Régio; teatro; intertextualidade.

■ **N**a peça *Jacob e o anjo* (1940), do escritor presencista José Régio, a ideia da duplicidade não está presente apenas no nível temático, com personagens que se desdobram e se veem duplas no palco, mas existe também uma ambiguidade na construção discursiva do texto, na medida em que ele vai ao encontro do universo mítico e remonta às histórias do Jacó bíblico e do rei português D. Afonso VI.

Arelada aos pressupostos estéticos do presencismo, a peça regiana apresenta em sua temática o conflito do sujeito consigo próprio, com o duplo que habita o seu íntimo. As duas personagens principais – o Rei e o Bobo – são figuras díspares e ao mesmo tempo complementares. O Bobo – que no ambiente real é visto como um mero objeto para diversão – é apresentado na peça como sábio e dono de poderes divinos; ele representa o anjo da guarda do Rei. A majestade, por sua vez – tomada pelos seus poderes políticos – é, contraditoriamente, frágil e só encontra auxílio em seu duplo, ou seja, no Bobo. Essa problemática do “duplo”, que resume o tema da peça, é estendida também para o nível formal do texto regiano, na medida em que, trabalhando com a intertextualidade, a linguagem textual se configura como “dupla”. Nesse aspecto, procuraremos mos-

* Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

trar que no nível linguístico existe uma dualidade de textos que se confrontam e se complementam, assim como ocorre no nível temático, com a construção de personagens duplas.

Em *Jacob e o anjo*, o mito do homem que lutou com um enviado divino é bem explorado. Esse intertexto nos é apresentado primeiramente com o título da obra e com a epígrafe extraída do Gênesis. Antes de entrarmos no enredo da peça, cabe um parêntese para apresentarmos um pouco do episódio bíblico.

Jacó, irmão de Esaú, é filho de Isaac e Rebeca. Desde menino, ele vivia acomodado na tenda onde reside sua família, ao contrário de seu irmão que era ágil e apreciava a caça. Certa vez, Esaú chega em casa cansado e faminto depois de muito trabalhar, e Jacó havia preparado uma refeição. Contudo, Jacó negou a comida ao irmão e disse que só lhe daria o que comer se esse lhe cedesse o direito de progeneritura. Sem muito pensar, Esaú modestamente aceitou a proposta do irmão.

Houve ainda outro momento em que o rapaz aproveitou-se de seu irmão. Foi quando Isaac, já velho e enxergando mal, pediu que Esaú fosse caçar e lhe preparasse um prato que pudesse comer antes de morrer; fazendo isso, ele receberia uma bênção especial do pai. Rebeca ouviu a conversa de Isaac e incentivou Jacó a procurar um cabrito para que ela fizesse a refeição para o marido e, passando-se pelo irmão, Jacó pudesse ganhar a bênção do pai. Com isso, eles enganaram Isaac e Esaú.

Conta a Bíblia que uma vez um anjo aparece ao esperto rapaz e trava com ele um duelo. O anjo, porém, vendo que não conseguiria vencer Jacó, toca-lhe na articulação da coxa e essa se desloca. O moço, por sua vez, imobiliza o enviado divino e esse suplica que Jacó o deixe partir; contudo, o moço diz que somente libertará o anjo depois de receber a sua bênção.

Em razão de sua vitória no combate com a figura celeste, essa o abençoa e dá a Jacó o nome de Israel, que significa aquele que luta com Deus; entretanto, Jacó não sai ileso do entrave, visto que passa a coxear da perna que o anjo lhe tocara. Depois disso, Jacó esteve à frente de um grande povo.

O mito da luta entre Jacó e o anjo do Senhor é um dos mais famosos do Velho Testamento e, trabalhando com ele, José Régio elabora a sua obra-prima dramática.

No contexto bíblico, como apontamos, um anjo apareceu a Jacó numa noite; eles lutaram e Jacó conseguiu vencer a figura celeste, fortalecendo os seus poderes na Terra. Já na peça de Régio, um Anjo também visita o Rei pela madrugada; todavia, a majestade é frágil, tem medo e não consegue ter sucesso na sua luta com o ser sublime, acabando por ser derrotado. Contrariamente à cena bíblica, “o Anjo dominou completamente o Rei: ajoelhou-o a seus pés, e tem-lhe a garganta apertada nas mãos ambas” (RÉGIO, 1978, p. 15).

O Rei da peça de Régio é uma figura totalmente corrompida, apegado aos bens que possui e muito preocupado em manter uma aparência perante os outros, passando-se por forte e corajoso. Contudo, esse Rei, atrelado aos seus poderes terrenos, acaba por abandonar a sua própria individualidade, os seus sentimentos. O Anjo – como um desdobramento do íntimo do Rei – aparece para mostrar-lhe que o que mais importa para a existência humana não é o que se tem, mas o que se é, e a majestade, ignorando a sua interioridade, estava por perder o sentido da existência: ele não sabia mais quem era, estava confuso, sentindo-se angustiado, e a sua vida só se resumia aos seus afazeres como Rei.

Com a vitória sobre a majestade, o Anjo quis mostrar-lhe que, para alcançar o autoconhecimento e encontrar a felicidade, o Rei precisaria libertar-se de toda a materialidade que o corrompe e, para o enviado dos céus, tal autoconhecimento só aconteceria próximo ao momento da morte do Rei. Eis, então, a missão do Anjo: purificar a alma do Rei, fazendo que esse se encontre interiormente e, depois, levá-lo da Terra.

A partir do primeiro ato da peça, o Anjo intensifica o seu caráter de duplo do Rei, já que se transforma em Bobo da Corte e insiste que não veio para prejudicar a majestade, mas para libertá-la – constata-se, aqui, a religiosidade aberrantemente assumida pelo autor e o seu apego sistemático aos ideais temáticos do presencismo, movimento que procura investigar o homem em sua essência mais íntima, transpondo para o texto literário as aflições e angústias do ser humano perante o desconhecido que habita a sua existência.

A Sagrada Escritura também é lembrada nas réplicas das personagens, já no ato inicial da peça:

Rei

– [...] Aproveitaste-te dum livro idiota que abri ontem à noite, vieste na perturbação dos meus sonhos, arrastaste-me no chão e quiseste estrangular-me... Sim, é preciso inventar para ti novas torturas; tormentos desconhecidos (senta-se).

Bobo serenamente:

– O livro que ontem leste não é um livro idiota.

Rei

– Não me contradigas!

Bobo

– Não é um livro idiota. É um livro cheio de verdades mais luminosas que a razão do homem. Por isso parece obscuro à maioria dos olhos. Mas eu vim abrir os teus olhos, rei. Vim explicar-te a luta de Jacob e o Anjo, que ontem leste sem nada entender... Se tivesses entendido, saberias que não vim na perturbação dos teus sonhos; mas num momento em que o sono libertara a tua verdadeira inteligência das mentiras que te estrangulam...

Rei volta a levantar-se

– Tu!, foste tu que quiseste estrangular-me!

Bobo

– Não quero estrangular-te, rei; rei de baralho de cartas! Quero lutar contigo a luta de Jacob e o Anjo. Mas o maior triunfo de Jacob não está em vencer o Anjo do Senhor, para ser poderoso na Terra. Está em ser vencido por ele! Não quero estrangular-te... quero vencer-te. Vim cegar os teus olhos terrenos com os raios de Deus... (RÉGIO, 1978, p. 30-31).

O truão, como podemos notar, é a mesma figura do Anjo que lutara com o Rei pela madrugada; contudo, no decorrer da ação, percebemos que ele é também uma outra face do Rei – o seu *alterego* – que veio para derrotá-lo, deixá-lo próximo da loucura (visto que ele será tido como louco pelos membros da Corte) e fazer que a majestade se arrependa de todas as suas atrocidades. Só depois de todo esse processo e de o Rei aceitá-lo como uma face íntima de si próprio, é que ele se encontra “puro” e completo para, finalmente, alcançar a morte – que é a sua libertação. No entanto, até esse momento, o Rei lutará muito com o seu Bobo/Anjo, não mais uma luta física, mas uma luta de ideias: de um lado, a valorização da materialidade e das aparências; de outro o apeço pelo espírito.

A última fala do Rei é comovente e nos apresenta uma interpretação diferente da passagem bíblica: “– Perdão...! É a madrugada que chega... Perdão...! Mas talvez Jacob não tivesse a culpa... quando venceu a primeira vez... antes de vir o Anjo da Morte... o Anjo do Amor...” (RÉGIO, 1978, p. 187). O Rei, diferentemente do Jacó bíblico, está frágil e não resiste mais ao Bobo/Anjo. Ele pede perdão pelas suas falhas e aceita a morte como uma libertação da vida terrena que estava lhe degradando a alma.

Outra novidade que Régio nos apresenta em *Jacob e o Anjo* quanto ao episódio bíblico reside no fato de ele atrelá-lo à biografia de um rei português, D. Afonso VI. José Régio dialoga intertextualmente com a história de Portugal e usa tal intertexto, juntamente com o da Bíblia, como um suporte para a sua criação artística que, mesmo sombreada por figuras da história e da Bíblia, firma-se como uma produção independente e original.

Para entendermos melhor como o autor apropria-se da história, voltemos um pouco ao passado para ver quem foi D. Afonso VI e por que essa figura foi escolhida por Régio como fonte de inspiração na composição da sua personagem.

D. Afonso VI tornou-se uma figura heroica na história de Portugal. Aos treze anos de idade, ele subiu ao trono depois da morte do seu pai, o rei D. João IV, e do seu irmão mais velho, D. Teodósio, que deveria ser o herdeiro. Entretanto, D. Afonso não estava preparado para o reinado: primeiro, em razão da idade – sua mãe, a rainha D. Luísa de Gusmão, ficou como regente até que o príncipe pudesse, definitivamente, assumir o poder –, e, segundo, porque não recebera a mesma educação dada ao primogênito real. Além disso, D. Afonso VI era considerado um sujeito incapaz física e intelectualmente, e dedicava-se a hábitos que não condiziam com a posição de rei. Ainda na infância ele sofrera de uma doença não identificada pelos médicos da época, a qual o deixou hemiplégico e com dificuldades intelectuais.

Ele era também bastante rebelde, suas amizades se resumiam a rapazes da plebe e o futuro rei foi crescendo em ambientes grosseiros e sem a responsabilidade que seria exigida de um rei.

Dom Afonso assumiu o trono em meio a conflitos políticos e econômicos, quando Portugal sustentava uma guerra contra a Espanha. Uma das suas primeiras atitudes como rei foi instalar no paço real um dos seus amigos, o italiano Antônio Conti, e torná-lo o seu braço direito. Tal postura foi considerada pelos membros da Corte como irresponsável; contudo, o rei não dava ouvidos a quaisquer censuras, o que provocou um grande escândalo. O rei português vivia junto a arruaceiros e a sua vida era totalmente desregrada. Como foi declarado mentecapto e impotente pelos médicos, o Conselho de Estado tentou convencê-lo a se afastar do trono; porém, persuadido por Conti, ele acabou redobrando os seus desmandos. A rainha, D. Luísa, tentando conter as estroinices do seu filho, prometeu o reinado ao seu outro herdeiro, D. Pedro, e conseguiu, após isso, a expulsão de Conti. No entanto, nem isso levava o rei a se modificar.

Depois de Antônio Conti, o camareiro real Luís de Vasconcelos de Sousa, com sua forte amizade por D. Afonso, foi nomeado o conde de Castelo Melhor e esse colaborou para a vitória da longa luta que Portugal travava contra a Espanha. Com tal triunfo, D. Afonso VI foi apelidado de “O Vitorioso” e o ex-serviçal tratou de logo arrumar um casamento para o rei, mesmo sabendo da sua incapacidade de procriar. O casamento ocorreu por procuração em junho de 1666.

A fidalga francesa D. Maria Francisca Isabel, esposa arranjada para D. Afonso, logo entrou em conflitos com ele em razão do desequilíbrio do marido e por questões de autoridade conferidas a Castelo Melhor. Ela não se conformava em ver o rei deixar-se levar pelos amigos, que considerava como interesseiros. Com isso, ela se tornou a responsável por tramar o afastamento dos confidentes do rei e pela demissão de Castelo Melhor.

Dom Afonso – depois das atitudes tomadas pela esposa com o respaldo da Corte – encontra-se sozinho e sem saber como agir. Aproveitando-se disso, seu irmão, D. Pedro, apossa-se do comando do governo. Alguns meses depois, o casamento do rei é anulado, a pedido da rainha, e essa casa-se com o cunhado, o qual passa a dirigir o Estado português com a abdicação de D. Afonso VI e após esse ser desterrado para Angra do Heroísmo, num golpe armado pelos já amantes, D. Maria Francisca Isabel e D. Pedro, com o apoio da insatisfeita Corte e do Conselho de Estado. Dom Afonso VI faleceu, longe do trono, em 1683.

É evidente a relação intertextual que a peça de Régio estabelece com a história. Embora o texto dramático não faça nenhuma alusão aos nomes das personalidades históricas, é possível aproximar a figura do Rei à de D. Afonso VI, a Rainha e D. Maria Francisca Isabel, o Bobo e Castelo Melhor, o Duque e D. Pedro, o Conselho de Estado e os conselheiros do Rei.

Em *Jacob e o anjo*, o Rei apega-se ao Bobo (da mesma forma como D. Afonso VI tornou-se íntimo de Castelo Melhor) e esse acaba por monitorar os atos da majestade, o que deixa a Rainha furiosa (tal como ficara D. Maria Francisca Isabel). De forma semelhante à do episódio histórico, a esposa do Rei trama, na peça, a sua deposição com o apoio dos conselheiros reais e, logo depois, casa-se com o Duque, o qual sobe ao trono e consegue dar ao reino o herdeiro que o Rei (e, historicamente, D. Afonso VI), estéril, não podia gerar.

Embora haja evidentes aproximações do drama regiano com o momento histórico, José Régio alarga os significados do acontecimento histórico, assim como faz com o episódio bíblico, proporcionando à história uma outra interpretação. A intersecção entre a história e a Bíblia colabora significativamente com a construção de uma nova interpretação dos fatos:

Não te lembras, rei? Naquela noite em que lutávamos, há séculos, e que vem lá no livro, toquei o nervo da tua coxa. Os meus dedos são de espírito. O espírito queima tudo que não seja espírito: o nervo da tua coxa mirrou no sítio onde os meus dedos tocaram... Vem lá no livro, lembras-te?, no tal livro que achaste idiota! E depois, venceste-me. Venceste o Anjo do Senhor. Só são chefes no mundo os que vencem os Anjos do Senhor... Há que séculos és tu chefe? Mas continua mirrado no teu corpo o nervo que o Anjo do Senhor tocou... Nenhum físico te curará, por mais concursos públicos que documentem a sua sabedoria. E por essa parte morta da tua carne humana estás tu aberto às potências divinas: vives para a vida eterna! Rei, bem sabes que não entrei pela janela deste quarto. Entrei vivo por essa nesga morta da tua carne humana; entrei à tua alma para a roubar ao teu corpo. Em bem podes fechar todas as janelas, todas as portas, todos os quartos... (RÉGIO, 1978, p. 45-46).

Com esse discurso, o Bobo faz convergirem num mesmo elemento (o problema na perna do Rei) aspectos bíblicos e históricos, visto que tanto Jacó como D. Afonso VI eram coxos – como podemos notar, o “duplo” é sistematicamente trabalhado pela peça tanto em sua linha temática como também como um re-

curso de construção textual. Jacó tornou-se manco após a luta com o Anjo; na peça, o Rei conseguiu sobreviver depois do combate, mas não saiu dele completamente ileso, pois teve a coxa ferida. Já D. Afonso ficou hemiplégico ainda criança e, por esse motivo, foi considerado incapaz. No texto dramático, essa imperfeição física deixa o Rei fragilizado e envergonhado perante a Corte.

O problema na perna da majestade é levantado na peça também pela voz da Rainha que, com muita raiva do Rei, acredita que pode atingi-lo e rebaixá-lo trazendo a público a sua imperfeição:

Rainha

– [...] Quereis saber o rei que tendes? Olaré que digo tudo! Ides saber que rei tendes. Sim, é coxo, o vosso rei é coxo! E já não é capaz de vos dar um herdeiro ao trono. Está velho e doido, o biltre! [...] (RÉGIO, 1978, p. 53-54).

No segundo ato, a Rainha planeja a deposição do Rei para casar-se com o seu amante. Para tanto, tal como no episódio histórico, ela convence os membros da Corte de que a majestade não tem condições de governar, pois a sua integridade mental teria sido afetada pelo convívio com o sujeito desconhecido – o Bobo –, ao qual ele dá ouvidos. Os membros da Corte concordam que o Rei deve ser afastado.

Ao contrário da história, contudo, a Rainha não expulsa o Bobo, mas tenta aliar-se a ele, firmando um acordo para conseguir tirar o Rei do trono. Mas ainda que, aparentemente, sejam cúmplices entre si, Rainha e Bobo têm objetivos diferentes: o truão quer depor o Rei para afastá-lo da corrupção terrena, ao passo que a Rainha ambiciona uma jogada política, que traria privilégios para ela e seu amante.

Novamente podemos aproximar as figuras histórica e bíblica, visto que, com a atitude da Rainha, ela pode ser comparada à figura de Rebeca, mãe de Jacó, pois ambas, ambiciosas, traíram a confiança dos seus esposos. A Rainha também é aproximada à imagem bíblica da serpente tentadora; pelo truão ela é comparada à Eva bíblica que convenceu Adão a cair em pecado: “Levanta-te, filha de Eva. Foi a serpente que te ensinou a rojar? Também lá está escrito no livro: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’” (RÉGIO, 1978, p. 97).

Nesse excerto existe, ainda, uma referência ao momento bíblico em que o diabo tentou Jesus quando esse peregrinava pelo deserto. Assim como tal figura cristã, o Bobo também é tentado pela Rainha; contudo, ele procura dar-lhe um ensinamento, o qual a mesma não consegue entender:

Bobo devagar, com muita brandura:

– Queres que te conte uma história? [...] Era duma vez um homem astuto que já enganara o pai e o irmão para obter privilégios sagrados. Claro que se chamava Jacob. Ora um dia, o Senhor Deus viu este homem e pensou: “Manha não te falta para enganar os teus parentes. Se além disso és capaz de vencer qualquer dos meus Anjos, estás apto a ser um dos reis da Terra, o chefe dum grande povo...” Não vou jurar que o Senhor Deus se exprimisse tal qual eu. Mas o que é certo é que mandou descer à Terra um dos seus Anjos mais robustos...

Rainha

– Cala-te! Não te posso ouvir (RÉGIO, 1978, p. 99-100).

O trabalho intertextual de Régio, misturando elementos bíblicos e históricos, torna o texto mais rico e complexo pela sua ambiguidade.

Como a atmosfera lendária toma conta da peça, há uma ausência de grandes feitos e intrigas, e a aproximação dos episódios histórico e bíblico vem conferir maior complexidade à problemática da construção da identidade, que se instaura no centro dessa peça e que, extrapolando o nível temático, alcança o modo de composição formal do texto nas suas relações com o “outro” que a intertextualidade evoca (nesse caso, a Bíblia e a história de Portugal). Com isso, podemos concluir que a temática da identidade dupla – mote recorrente nas produções presenciadas – é, nessa peça, reforçada pela elaboração textual que, pautada pela intertextualidade, coloca em tensão duplos sentidos. Nesse aspecto, a construção da obra regiana ganha significados amplos, já que apresenta tanto no nível formal como no temático a duplicidade como o seu principal recurso de elaboração estética.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- GALHOZ, M. A. *Catorze ensaios sobre José Régio*. Lisboa: Cosmos, 1996.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
- LISBOA, E. *José Régio: uma literatura viva*. Amadora: Bertrand, 1978.
- LOURENÇO, E. As confissões incompletas ou a religião de Régio. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 11, p. 20-27, jan. 1973.
- PERRONE-MOISÉS, L. Crítica e intertextualidade. In: _____. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Ática, 1978. p. 58-76.
- REBELLO, L. F. José Régio: evocação do dramaturgo. In: _____. *O jogo dos homens: ensaios, crônicas e críticas de teatro*. Lisboa: Ática, 1971. p. 219-224.
- RÉGIO, J. *Jacob e o anjo: mistério em três actos, um prólogo e um epílogo*. Porto: Brasília, 1978.
- SERRÃO, J. (Dir.). *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Figueirinhas, [s. d.].

MESQUITA I. A. Intertextuality in the play *Jacob e o anjo*, by José Régio *Todas as Letras* (São Paulo), v. 11, n. 1, p. 9-15, 2009.

Abstract: This work analyses how José Régio uses the intertextual process as a model of composition to his play Jacob e o anjo, which presents, at a thematic level, the question of the “double” and, at a formal level, the dialog between texts and speeches.

Keywords: José Régio; drama; intertextuality.